S. PAULO (Brazil) — Sabbado, 11 maio de de 1912 — ANNO XI — NUMERO 138

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio

A invasão negra

O bando negro de parasitas, jesuitada ociosa e vadia, sotainas d'ambos os sexos — padres, freiras, frades e irmãzinhas estão invadindo duma maneira rapidissima todo este paiz, e não tardará muito que elles sejam os unicos senhores, se os espiritos livres e esclarecidos, lançando mão de todos os meios ao seu alcance, não obstam a que tal facto se perpetue.

Apezar da apregoada separação da igreja e do estado, este não se oppõe á invasão dos barbaros de batina, mas muito ao contrario promove os meios para que todas as facilidades lhes sejam dadas.

Não ha, pois, que esperar nada dos poderes constituidos. Estes para a sua conservação precisam de quem prégue a submissão, o respeito e a obediencia ás leis, delles dimanadas, e que não são outra coisa que o esmagamento dos trabalhadores pelos seus patrões e donos em proveito e favor dos mandões.

E' uma tarefa de tal responsabilidade, que ninguem mais apto que a padralhada para a levar a cabo.

Os padres e jesuitas de casaca, com suas escolas, seus liceus de artes e officios, suas irmandades, suas lojas e toda a especie de associações religiosas, têm uma fabrica inegualavel para o ministramento da estupidez e da cegueira moral e intellectual. Dahi o apoio e a adhesão de todos os que têm empenho em manter este miseravel estado social, a todas as emprezas de caracter religioso.

Na Europa trava-se uma luta formidavel para que a influencia clerical, para que o clero em suma se veja cada vez mais inhibido de estender as garras aduncas. Aqui acceitam-se, de braços abertos, todos que de lá são escorraçados e que vêm procurar mais largo campo ás suas manobras traiçoeiras.

Os operarios accusados de propagandistas dos ideaes avançados não podem desembarcar, impedem-lho. Os vis roupetas, que não têm outra missão senão embrutecer e corromper a humanidade em proveito proprio, descem e sobem, embarcam e desembarcam e até se lhes faculta passagem gratuita, não lhes pedindo ninguem satisfação.

E' que a aspiração que os anima é extranhamente opposta. Os operarios esclarecidos querem que os seus irmãos de infortunio ganhem consciencia de sua força e de seus deveres para procederem em conformidade. Os padres querem que os trabalhadores continuem a ser as eternas e incorrigiveis bestas de carga dos patrões e da igreja de que são caixeiros-viajantes. Que lhes importa que os trabalhadores suem, padeçam e soffram necessidades de toda a ordem, comtanto que todo o proveito redunde em beneficios de suas panças?

As suas barrigas são o ideal.

Mas urge que se opponha um obstaculo a este grassar da epidemia religiosa que, a continuar deste modo, dentro de pouco tudo contaminará com a sua peçonha.

Que todos os espiritos livres, que sabem quantos males devemos á religião, procurem, por meio da palavra, do folheto, do exemplo, na sua familia essencialmente, impedir parte dos males, pelo menos, que este augmento de fanatismo religioso arrasta comsigo, nesta febre louca da criação de novas dioceses, de novas mitras, de novos cardeaes *e tutti quanti*.

Pinho de Riga.



— *Mas, sr. cura, é essa agua ordinaria que vossa reverendissima deita na pia santa?!*

— *Que quer você, minha querida menina? Por distração, lancei a bençam duas vezes sobre a agua que estava na fundo da pia. Ella ficou pois muito forte: agora é preciso abranda-la...*

HOSTIAS AMARGAS

A Igreja Catholica Romana é a instituição mais astuta e manhosa do mundo inteiro.

Apparenta uma intransigencia absoluta em materia de principios, mas dá-lhes uma elasticidade tal, que a gente logo vê que taes principios não passam de simulacros, com que ella mal disfarça o seu objectivo, que é o dominio absoluto do globo.

Outr'ora, quando o christianismo reinava despoticamente sobre as consciencias, elle não se dava ao trabalho de adaptação, que lhe é indispensavel hoje, que o seu poder espiritual está completamente derrocado, afim de não perecer de todo, o que inevitavelmente se daria, se elle quizesse ainda acastellar-se nessa intangibilidade dos seus pontos fundamentaes, de que tanto alarde fazia antes de haver o espirito humano chegado ao grau de evolução que nos ultimos tempos tem attingido.

Agora, a Igreja Catholica segue outra politica.

Ella procura pôr-se á frente dos grandes movimentos liberaes do seculo, dando-se assim ares de que é ella e só ella quem dirige as multidões e quem deseja satisfazer-lhe as aspirações.

A Igreja receia e com razão enfrentar com o seculo e nessas condições ella tem a estulta pretenção de guia-lo, tomando-lhe a dianteira.

Ninguem ignora que Joanna d'Arc foi queimada ás portas de Ruão, por sentença emanada de prelados catholicos, que a consideravam *relapsa*, *feiticeira* e *endemoninhada*.

No emtanto, bastou que a Igreja percebesse o culto enthusiastico que as modernas gerações da França votam á memoria da virgem de Domremy, para que se désse pressa em beatifica-la, mostrando assim que tambem a Religião não se peja de adorar hoje o que hontem queimara.

Mas... que digo eu?

Não é preciso trazer á collecção factos tão grandiosos.

Basta que eu lembre um acontecimento de hontem, passado em o nosso paiz.

Quem não sabe que a festa da bandeira foi entre nós instituida em desaffronta ao estandarte nacional, ultrajado no templo da Candelaria, no Rio de Janeiro, por um padre catholico, em execução ás ordens que nesse sentido lhe dera o cardeal Arcoverde?

Entretanto, quaes são os primeiros a incorporar-se aos prestitos, que por occasião dessa festa desfilam pelas ruas das grandes cidades?

São os padres, são os frades e quasi sempre conduzindo corporações de alumnos de ambos os sexos por elles dirigidos.

Hypocritas!

Como se houvesse no paiz quem não tivesse conhecimento de que elles não calcam aos pés, porque não podem, a bandeira nacional, na qual figura um lemma positivista, que elles detestam e contra o qual, só por cançados, deixaram, ha poucos annos, de esbravejar!

A Igreja tenta nestes ultimos tempos assumir a direcção das festas, com que o operariado solennizar o dia 1.º de Maio.

Esse dia é para os proletarios um dia glorioso, mas é tambem um dia de guerra, que symboliza todo um mundo de esperanças de futuras reivindicações.

Pois bem: de tal forma a Igreja tem manobrado, tamanha tem sido a sua habilidade, que, em muitos lugares, o operariado nesse grande dia inicia as suas festas com uma missa cantada e encerra-as á noite com um «Te-Deum laudamus».

E os pobres operarios não desconfiam do conto do vigario que lhes é impingido, deixando que ás suas alegrias se associe um elemento que sempre lhes foi adverso, que sempre esteve ao lado dos aristocratas contra a plebe infeliz, e que ainda agora dá mão forte á plutocracia aconselhando aos trabalhadores muita resignação, muita conformação ante toda a especie de soffrimentos, que lhes proporciona a sociedade capitalistica.

E os operarios ignorantes vão cahindo no tal conto do vigario, ou melhor dos vigarios que, ainda por cima, são pagos nesse dia para cantarem a sua missinha e berrarem com a sua voz fanhosa de tabaquistas um desafinado «Te-Deum».

O espirito do proletariado, porém, ha de illuminar-se e elle ha de reconhecer que, em vez de se prostrar por terra em uma igreja christã, a 1.º de Maio, nesse dia melhor andará cobrindo de maldição uma religião que foi sempre o mais terrivel obstaculo a que elle conquistasse o posto que, de direito, lhe cabe na sociedade.

Ignoto.

A agua milagrosa

Chamo a attenção dos leitores da *Lanterna* para o annuncio que abaixo transcrevemos, inserto num grande jornal carioca de domingo, 5 do corrente.

Inaugura-se hoje, no sacco de S. Francisco, em Jurujuba, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Após quasi dois annos de trabalho perseverante, vai-se inaugurar hoje, no bello outeiro do Sacco de S. Francisco, a gruta de N. S. de Lourdes.

Para esta solennidade, o respectivo vigario, padre Odoaco, organizou um att-ahente programma.

Desde ás 8 horas da manhã até á noite, serão realizadas diversas festividades, internas e externas, com o auxilio das familias distinctas da cidade vizinha.

A inauguração solenne da gruta será feita ás 8 1|2 horas da manhã por d. Agostinho F. Bennassi, bispo de Nictheroy, que celebrará missa no interior da gruta. Assistirá a este acto, como madrinha da festa, a esposa do dr. Francisco Salles, ministro da da Fazenda.

Além da missa solenne, que será celebrada ás 11 horas, por monsenhor Quartin, vigario geral da diocese, e de *Te-Deum* ás 6 horas da tarde, serão realizadas kermesses, leilão de prendas e queimado um lindo fogo de artificio sob a direcção do pyrotechnico Passeri. Em resumo, as pessoas que visitarem hoje a gruta de Lourdes encontrarão no outeiro e no arraial diversões em quantidade, boa musica e muitos outros attractivos para que o dia desta inauguração seja sempre recordado como um acontecimento altamente significativo dos sentimentos christãos da sociedade fluminense.

Peço desculpas á illustrada redacção pelo espaço que a *reclame* occupa, porém tratando-se de tão importante estabelecimento de utilidade publica, é justo que nenhum orgam da imprensa brasileira se recuse dar-lhe a maior publicidade, fazendo-o conhecido em todas as cidades, villas e aldeias deste vasto paiz.

Que se ignore, por exemplo, onde fica o Instituto Pasteur comprehende-se, porém não haveria desculpa nenhuma em não se saber onde se ergue a gruta de Lourdes, cuja agua possue a virtude de curar todas as molestias, por mais graves que sejam.

A nova empreza é uma succursal da famosa e universalmente conhecida Lourdes dos Pyrineus, em França, e o seu pessoal acha-se habilitado, tanto como o da casa matriz, a executar todas as encommendas que lhe dirigir a sua numerosa clientela, sendo tudo expedido com a maior brevidade ás pessoas que por qualquer motivo não possam vir ao estabelecimento.

A administração previne a todos os seus freguezes que não acreditem no que ha annos dissera o chamado Zola, que só teve em mira calumniar a casa matriz quando escrevera falando da nossa celebre piscina:

— «Lá dentro se encontra de tudo: pequenos regos de sangue, pedaços de pelle, crostas, pedaços de gazes e de faixas, um immenso *consommé* de todos os males, de todas as podridões, uma verdadeira cultura de germens envenenadores, uma essencia de contagios os mais assustadores *onde o milagre consiste em sair vivo do meio de tanta podridão humana.*»

Tambem é mentira o que disse o dr. Debuisson, deputado hereje francez:

«Os doentes immersos na agua contida nos tanques se expõem ao mais grave perigo de se infeccionarem, e é deploravel que nenhuma fiscalização seja lá exercida.»

Para tranquillidade de nossos clientes e amigos, diz o nosso chefe o sr. d. Benassi, temos a alta protecção do governo da Republica na pessoa da esposa do sr. ministro da Fazenda e mais autoridades civis e ecclesiasticas, o que prova a lizura com que procedemos em todos os ramos da nossa patriotica empreza.

Sendo o Brasil um paiz novo e rico, é preciso desenvolver, animando e encorajando, todos os emprehendimentos que, como este, o farão marchar brevemente ao lado das potencias que se acham na vanguarda do progresso.

Seria injustiça ou antes negligencia (isto agora é por minha conta) não falarmos em uma outra succursal que existe ha annos na capital da Republica. Referimo-nos á gruta de Villa Isabel, que, não o sabemos qual o motivo, se acha um pouco abandonada. Dizem (não cremos em tal) que é devido a dois cinemas que existem na localidade.

Seja como fôr, a empreza citada, a continuarem as coisas como vão, abrirá fallencia, porque não fará para os gastos.

E' pena, é pena!

Adrecal.

Rio, 5 — 5 — 912.

Biblia vermelha

Os limites entre a fé e a superstição são individuaes; traçam-se segundo as crenças e as convicções.

Baroneza de Knorr.
(cónega honoraria do capítulo de Brunn).

* * *

A pretenção do clero de que desempenha uma missão a elle confiada por Deus é tão absurda como essa lisonja que se faz crer aos reis: que estes são as imagens de Deus na Terra!

Frederico II *da Prussia.*

NOTAS A' MARGEM

A imprensa estrangeira noticiava um destes dias que a guarda suissa do Vaticano, após um repouso prolongado de todas as attitudes bellicas, estava sendo constrangida pelo seu novo commandante a duros exercicios militares, que o Papa contemplava de uma janella dos seus aposentos com manifesta satisfação. Não me admira que tal haja succedido. O Vaticano, despojado do seu poderio passado, vive da fantasmagoria desse poderio. Apellida-se uma côrte, e não tem um soberano. Quer representar um Estado e não passa de uma simples residencia particular, embora contendo maravilhas de arte. Pretende inebriar-se na illusão dos exercitos, e tem por isso uma tropa de apparato, cujas funcções são puramente decorativas. Não é pois para surprehender que queira tambem ter a illusão da força, das possiveis carnificinas de infieis, armando essa tropa com espingardas modernas e fazendo-a suar em exercicios violentos, como se se tratasse de um corpo de exercito allemão ou francez. Simplesmente, haveria motivo para invocar a caridade evangelica do vigario de Christo na terra, esse Christo que prohibiu a Pedro que usasse da espada em sua defesa, e que fortaleceu com a mansidão do seu espirito a paz da sua doutrina. Mas estamos bem habituados a ver o Vaticano proceder em tudo ao contrario do Evangelho. A humildade que elle reza converte-se em Roma numa illimitada soberba, a sua resignação em odio, a sua brandura em colera, o seu desinteresse em ganancia, o seu apostolado em tyrannia e oppressão. Bem sei que hoje a sua acção limitada já não pode fazer rolar a corôa dos reis nem subjugar a vontade dos povos como antigamente. Mas o espirito, a intenção permanece. O Vaticano vive numa mascarada, as nações escapam-lhe. Já não tem uma espada para varar corações. Já não tem fogueiras para calcinar corpos. Já não tem excommunhões para subjugar consciencias. Mas vive, procede ainda como se dessas armas dispuzesse, e nessa illusão se mantem. Para isso dá armas aos seus soldados, lança as suas encyclicas, arremessa ao mundo a lenda de um supplicio que não existe. E' um recurso extremo? Não. E' uma loucura que terminará pela derrota definitiva, quando nas grandes salas do Vaticano não se encontrar já um unico cardeal, nem se avistar a sombra de um guarda suisso.

Mayer Garção.

(Do *Mundo*, Lisboa).

O VINHO DO PURGATORIO

— Ouviu a campainha, Francisca?

Tres horas da tarde, em dia de inverno humido e brumoso. Perto dum bom fogo de achas de faia, na sala de jantar do presbyterio, o sr. vigario, finda a leitura do breviario, dormitava suavemente e tinha-se sobresaltado ao tilintar da campainha, agitada por mão vigorosa no portão exterior. Repetiu com voz mais forte:

— Ouviu a campainha, Francisca?

Na cozinha, a criada, velha encarquilhada com nm focinho de fuinha e signaes peludos nas faces, condimentava um frango para o espeto.

— Já lá vou, sr. vigario, já lá vou! respondeu ella com impaciencia.

Dois minutos depois, introduzia um camponez de uns sessenta annos, alto, magro, arqueado, barba grisalha. A' entrada do vestibulo, limpou os tamancos enlameados e tirou a blusa coberta por um vapor humido. O padre levantara-se para ir ao seu encontro; ficou contente ao ver que era um dos seus melhores parochianos, assíduo na missa e irmão de S. Roque, o tio Gilberto Monin, caseiro dos Colmos. E como eram apenas tres horas e o tempo tristonho tornava pouco agradavel a perspectiva do seu quotidiano passeio exterior, reflectiu que o bom do homem ia ajuda-lo a passar a tarde. Por isso recebeu-o ainda com mais cordialidade e calor.

— Ah! é o tio Monin! Entre, entre; olhe, sente-se ali, ao lado do fogo, defronte de mim...

— Muito obrigado, sr. vigario! não vale a pena, sr. vigario, não, senhor...

— Vale, sim, sente-se; um calorzinho não lhe hade fazer mal; lá fóra o tempo não está assim tão bom.

— Ah! lá isso é verdade, sr. vigario; pois então vou-me sentar um bocadinho, para lhe dar gosto.

— Com certeza... com certeza... E' que bons ventos o trazem hoje á povoação, tio Monin?

— Vim por causa de um dos meus bois que partiu a corrente a noite passada; trouxe-a ao ferreiro para a soldar.

— Ah! bom, bom... E que me diz a este tempo humido? mau para os trigaes, não é verdade?

— Decerto, sr. vigario; em nossas terras não devia haver agua na estação baixa. Os trigos não teem boa cara, sobretudo os que foram semeados no fim. Estou com muito medo que a colheita não seja grande coisa no anno que vem...

— Isso conforme, vamos; correndo bem a primavera...

— Não ha duvida, sr. vigario, a primavera vale de muito; oxalá que seja boa.

Houve um silencio; o tio Monin olhava para os gatos-de-ferro com ar embaraçado; por fim disse;

— Vim aqui a casa, sr. vigario, para saber quando poderá dizer uma missa por alma da minha fallecida mulher.

— Ah! quer mandar dizer uma missa?

— Quero, sim senhor; não ha remedio senão pensar nella de vez em quando, coitadinha.

O parocho tirou do bolso uma carteira, que consultou.

— Vamos a saber, é uma missa rezada, não é verdade?

— Sim senhor; o sr. vigario bem sabe que eu não tenho posses para mandar dizer missas cantadas...

— Esta semana, não posso, tenho os dias todos tomados; na semana que vem, talvez... Sim, quinta-feira... Convem-lhe quinta-

CAUTERIOS

LXVI

ROMA, 6 — No belvedere do Vaticano realizou-se hoje a cerimonia do juramento da bandeira pontificia pelos recrutas da guarda Suissa do papa.

Depois do juramento, em que foram introduzidas cerimonias não observadas ha cincoenta annos, desfilaram as forças deante do commandante e do capellão.

Levavam os soldados o elmo com penacho e uma reluzente couraça.

As praças iam precedidas de bandeiras e tambores como nos exercitos regulares.

(Dos jornaes).

Atheus, herejes, gente excommungada,
Protestantes, buddhistas, hotentotes,
A hora fatal emfim eil-a chegada,
Preparam-se os punhaes e os chifarotes.

Tremei, que ahi vem em doida desfilada,
Aos trambolhões, aos trancos e aos pinotes,
A Guarda heroica, a Guarda abnegada
Dos Sanchos Panças e dos dons Quixotes!

Bum! catapum! Tremei, gente maldita!
A fé christã por certo resuscita
Vão falar Krupp e Mauser eloquentes.

Pum! pum! Anda o progresso de carre ra,
Hoje não é precisa uma fogueira:
Basta um fuzil p'ra converter as gentes...

Beato da Silva

feira da semana que vem, ás sete e meia?

— Sim senhor, tanto me faz esse dia como outro qualquer; agora não temos serviços com pressa, podemos vir todos...

— Muito bem assim; Deus ficará satisfeito e quem aproveitará hade ser a alma da defunta.

O rendeiro tirara a bolsa da algibeira e voltava-a entre as grandes mãos callosas, escuras e gretadas.

— Quanto lhe devo, sr. vigario?

— Ora adeus! Pagará no fim...

— Antes quero já, sr. vigario, já que aqui estou; assim fica tudo prompto.

— Bom, nesse caso, são dois francos.

O tio Monin tirou da bolsa uma moeda de dois francos e estendeu-a ao padre, que machinalmente a poz sobre a chaminé. Depois fez menção de partir, levantando-se. Mas o bom do vigario, desejando rete-lo mais um instante, lembrou-se de lhe offerecer de beber.

— Está assim com tanta pressa? Ainda vamos beber um copo de vinho; ha muito que não o fazemos juntos.

E sem esperar a resposta, chamou:

— Francisca! Francisca!

Na cozinha, o frango estalava agora no espeto, e a velha serva, um pouco surda, não respondia. Teve de chamar seis vezes seguidas, com força crescente:

— Francisca! O' Francisca!

Entretanto, o abegão murmurava:

— Muito agradecido, sr. vigario, não posso demorar-me; tenho de ir tratar dos animaes, bem sabe...

A velhota ouviu finalmente e mostrou a cara rebarbativa, enfarruscada e orvalhada de suor.

— Que ha mais? perguntou ella, rabugenta.

O amo tomou o seu ar mais suave:

— Traga-nos uma garrafa de vinho, Francisca... e do meu, sabe, *do vinho do Purgatorio...*

Este vinho, tinha-o elle proprio colhido na vinha contigua ao seu jardim, na *vinha do Purgatorio*, nome que elle lhe dera pelos trabalhos que exigia. Reservava-o para as provas festivas, para jantares de amigos.

*

— E então, que lhe parece o meu vinhinho? perguntou o padre, após uma hora de palestra, quando o tio Monin, esvaziado o ultimo copo, quiz absolutamente ir-se embora.

— Que me parece?... Ah! sr. vigario, nunca na minha vida bebi vinho tão bom! E com toda a franqueza, olhe, vou-lhe dizer a ideia que me veiu á lembrança: visto que no Purgatorio ha assim tão bom vinho, não vale a pena mandar dizer missas para que Nosso Senhor de lá tire os que lá estão dentro...

Levantou da chaminé a moeda de dois francos e embolsou-a.

— Nada; a missa por alma da minha mulher já não é precisa; é mais feliz do que eu, lá...

E em quanto o parocho permanecia atarantado, meio espantado meio alegre, o rustico transpoz o limiar da porta, cumprimentando:

— Então até á vista, sr. vigario... E muito agradecido!

Emilio Guillaumin.



Concorrencia

Vendo que o templo ficava sempre ás moscas, o pastor C. Hutchinson, de Rayne, Essec, Inglaterra, lembrou-se de juntar ás cerimonias religiosas concertos nos quaes se fuma, havendo cerveja, tabaco, chá, café e doces.

A ideia deve ser aproveitada pelos padres de todos os credos. Porque não intercalar, entre uma sessão cinematographica e uma cançoneta bregeira, um sermão, uma missa ou uma ladainha?

Ainda havemos de ver pelas esquinas vistosos cartazes illustrados, com os retratos dos Geraldos, e do padre Faustino, annunciando um programma variadissimo e attrahente de fitas de arte, modas brasileiras e cerimonias religiosas, tudo condimentado com um bufete bem provido e um sermão edificante sobre a castidade sacerdotal. E em caracteres vermelhos e enormes, para chamar a attenção, a pergunta:

— Onde está Idalina?

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

Uma grande agitação

O comicio de domingo foi um bello successo — Fundou-se a Liga Popular Contra a Carestia da Vida — Amanhã realizam-se duas grandes reuniões no Braz e no Cambucy — Outras estão sendo preparadas.

Vai num crescendo animador a agitação iniciada nesta capital contra o já intoleravel estado de penuria em que se encontra a população pobre com a crescente carestia dos generos de primeira necessidade e o augmento exorbitante dos alugueis de casa.

O Comité de Agitação, que ficou constituido na reunião realizada no Salão Celso Garcia no dia 23 do mez findo, deu immediatamente inicio aos seus trabalhos, reunindo-se diariamente.

De accordo com a deliberação tomada em sua primeira reunião, foram distribuidos dez mil exemplares do boletim que reproduzimos em nosso numero passado e no qual o povo era convidado para o comicio de domingo passado, annunciado para o Salão Celso Garcia.

Essa reunião foi coroada de um exito completo.

A' hora marcada, 9 horas da manhã, o salão da rua do Carmo encheu-se completamente, dando-se inicio ao comicio.

Em nome do Comité, Edgard Leuenroth expõe o fim da reunião, na qual o numeroso povo ali presente deveria determinar a diretriz da grande agitação que se vinha de iniciar, delineando o programma de acção a se desenvolver.

Esta agitação interessa o povo e por elle deve ser feita; porisso era elle o unico competente para assentar o seu modo de agir. Convidava, pois, a assembleia a manifestar-se amplamente sobre a questão.

Falou em primeiro lugar o dr. Passos Cunha que, em uma feliz oração, descreveu a situação em que se encontra o povo com a assustadora carestia da vida. Declarou-se partidario de uma intensa agitação publica tendente a conseguir pôr termo a tal estado de coisas.

Tomou depois a palavra o academico Demetrio Justo Seabra que, em resumo, propoz que se nomeasse uma commissão para se entender com os poderes competentes.

Falaram a seguir Alexandre Cerchiai, F. de Paula, J. Romero, J. Gallo, Leão Aymoré, José B. Silva, Manuel Ramos e outras pessoas das quaes nos escaparam os nomes, sustentando todas a necessidade de se estender a agitação por toda a cidade, procurando interessar nella o povo todo, para que as entidades interessadas sejam obrigadas a se occupar da questão.

Resumindo as propostas feitas, foram apresentadas tres moções, uma do academico Demetrio Seabra e as outras duas de Edgard Leuenroth e Paulo Cruz que foram fundidas em uma só.

A moção do academico Seabra é a seguinte:

"Proponho que se nomeie uma commissão que vá representar perante a Camara Municipal e o presidente do Estado no sentido de obter dos dois poderes, municipal e estadual, que os mesmos se compromettam a conceder vantagens e abrirem concorrencia publica para a construcção de casas operarias, a construirem mercados municipaes que façam concorrencia aos que, por falta destes, fazem preços a seu bel prazer."

A moção de Edgard Leuenroth e Paulo Cruz ficou assim concebida:

"O povo de S. Paulo reunido em grande comicio, no Salão Celso Garcia, para tratar do problema da carestia da vida,

considerando que a situação afflictiva em que se acha com a intoleravel carestia dos generos de primeira necessidade e o exorbitante e crescente augmento dos alugueis de casas, só encontra justificação na insaciavel ganancia de uma minoria de açambarcadores que não têm em conta a miseria da classe pobre;

considerando que a essa assustadora carestia geral não corresponde o devido augmento no preço da mão de obra, que se conserva nas mesmas condições dos annos passados;

considerando ainda que se chegou a esta situação devido a sua grande apathia, deixando-se explorar sem fazer sentir o seu vehemente protesto,

resolve dar começo, com o comicio de hoje, a uma intensa e larga agitação publica, fundando para esse fim a Liga Popular de Agitação Contra a Carestia da Vida, com sub comités pelos arrabaldes, agitação esta que tem por fim chamar a attenção das entidades competentes que, por ella constrangidas, sentirão a necessidade de pôr cobro a um tal estado de coisas".

Postas em votação as duas moções, foi approvada esta ultima.

Um membro do Comité deu então por encerrada a reunião, convidando o povo a tomar parte activa na agitação, na qual está ligada a melhoria das suas condições de vida.

E entre vivas a agitação contra a carestia terminou esse primeiro comicio.

—

O Comité da Liga Popular Contra a Carestia da Vida continúa a se reunir diariamente, preparando as reuniões dos arrabaldes, Já estando determinadas as do Beviga e Moóca, além das que se realizarão

No Braz e no Cambucy

Amanhã, domingo, serão realizados dois comicios, um no Braz e outro no Cambucy. O Comité da Liga Contra a Carestia da Vida distribuiu profusamente o seguinte boletim:

«**Ao Povo do Braz e do Cambucy:**

Convida-se o povo do Braz e do Cambucy a concorrer ao primeiro comicio publico promovido neste arrabalde para lançar o seu vehemente protesto contra a crescente e assustadora carestia dos generos de primeira necessidade e o exorbitante augmento nos alugueis de casa.

Esta angustiosa situação, creada pela ganancia insaciavel dos açambarcadores, só terá um termo se o povo fizer ouvir a sua voz em uma intensa agitação.

Povo do Braz e do Cambucy:

Concorrei, pois, ás reuniões que se realizarão no domingo, 12 do corrente, ás 9 horas da manhã, a do Braz no salão da sociedade Leale Oberdank, sito á rua Brigadeiro Machado, 5, e a do Cambucy, no Largo do Cambucy, 24.

Todos ao comicio!

O comité da LIGA POPULAR CONTRA A CARESTIA DA VIDA."

—

Os talões de cobrança das contribuições da Liga já estão sendo distribuidos pelas associações e grupos.

Os bens de Ferrer

Jorge Lorand, o deputado belga que tão habilmente obteve o reconhecimento da justiça, communicou ao publico que a sentença do Supremo Tribunal de Guerra e Marinha de Hespanha já recebeu completa execução.

Apesar da desesperada opposição feita pelos clericaes, os valores que se conservavam no Banco de Hespanha, os livros e manuscriptos da casa de edições da Escola Moderna, a propriedade rustica intitulada Mas Germinal e os papeis de Ferrer, tudo foi restituido aos seus herdeiros.

O polvo clerical tem de renunciar á sua presa e de se resignar a ver proseguir a obra do assassinado de Montjuich, cuja innocencia, embora apenas de modo implicito, está já solemnemente reconhecida pela magistratura militar superior.

Só o infame assassinato é que é irreparavel.

Lourenço Portet, que foi, como se sabe, encarregado pelo martyr de continuar a sua obra mais querida, já está de posse dos livros da *Escola Moderna*: 400 mil fasciculos da obra prima de Eliseu Reclus, *O Homem e a Terra*, que Anselmo Lorenzo acabara de traduzir em hespanhol quando Ferrer foi vilmente assassinado, assim como muitos outros volumes de vulgarização scientifica e manuaes escolares. A casa de edições foi reaberta em Barcelona; e em Paris, Portet estabeleceu uma succursal, 83, rue Denfert-Rochereau. Entre outros livros, o continuador de Ferrer vai editar sem demora uma historia da *Escola Moderna*, escripta segundo notas deixadas pelo martyr entre os seus papeis.

Ferrer revive, e triumpha o seu grito derradeiro:

— Viva a Escola Moderna!

Os sobrinhos de um vigario

Parece historia da vovózinha, mas não é

Era uma vez, numa cidade do Norte de S. Paulo, um vigario tão santo e tão honesto que era era mesmo uma «joia de Santo Ignacio».

O illustre «monge» vivia feliz, alegre e satisfeito, quando certa vez foi visitado por sobrinhos, duas bellas creanças vindas da Italia, sua terra natal.

(Muito bem. Todo vigario tem pleno direito de ter sobrinho bonitos).

Mas esses mesmos sobrinhos mereciam um tratamento especial por serem hospedes-parentes do sr. vigario, que muito sobrecarregado de affazeres religiosos não podia tratar dos seus mimosos hospedes com o devido carinhos.

E tratou então de arranjar uma mulher que se encarregasse do tratamento de seus gentis parentes.

(Até aqui tudo vai bem, muito obrigado, não ha de que).

Mas acontece que a mulher não podia ser velha nem muito menos feia, porque no primeiro caso seria impertinente e trataria mal as graciosas crianças e no segundo caso não seria sympathizada pelas mesmas, que desde então não viveriam bem.

(Começa neste ponto a melindrar a situação do vigario).

Logo, por conseguinte, está visto que: a mulher não podendo ser velha nem ser feia, o sr. vigario, homem de talento genial, arranjou uma mulher moça e bonita como Joanna d'Arc.

(Tudo se resolveu finalmente; a mulher muito attenciosa tratou bem das creanças).

E iam vivendo muito bem, sob a divina protecção, os sobrinhos, o padre e a mulher, quando... (por uma fatalidade, dessas que descem d'além), os primeiros se vão embora deixando o «duumvirato» triste e saudoso.

(E' esta a parte dramatica e burlesca da maravilhosa historia).

E o padre ficou tão triste com a partida de seus adoraveis sobrinhos que a magreza tomou conta de sua corpulenta pessoa, obrigando-a a ficar na cama de papo para o ar.

(Agora vem a scena pathetica e commovente).

Um doente precisa de enfermeira, logo seu vigario tomou a dita e falada rapariga para tratar de sua delicada pessoa, até que se restabelecesse por completo do seu mal.

Ficando felizmente bom, o sr. vigario, em vez de despedir a rapariga, ficou com ella até o dia... «se-y-z» em que deviam chegar outros sobrinhos mais bonitos que os primeiros.

(Mas a *Lanterna*, que tudo vê, bispou o padre morando com a mulher, deitou logo sua luz «sagrada» sobre o duumvirato e gritou: *Não póde!*

Diabo Coxo.

O celibato clerical

Na povoação de Romont, cantão de Friburgo, Suissa, o conego P., tendo seduzido uma professora primaria, de menor idade, bateu asas com ella, levando para os gastos da viagem de nupcias a caixa... da peregrinação de Lourdes.

Mas a raça dos tolos não se acaba!



Na Chamusca cheirou a chamusco — Um drama de sangue por causa do Senhor da Misericordia — Põe-se uma questão de ideias no terreno do capricho e do desafio — Proíbe-se a procissão nocturna dos fogaréus — Uma revolta sacrílega de fieis — As versões contraditorias de um conflito — Tiros, bombas e pedradas — Quem começou? — Deixemos o braço secular, recorramos apenas à propaganda — O famoso motivo da alteração da ordem — O direito do livre pensador e as conveniencias do propagandista — Votos em favor da benevolencia.

LISBOA, 16 DE ABRIL

A povoação ribatejana da Chamusca foi teatro duma tragedia sangrenta, entre cujos motivos preponderaram, ao menos na aparencia, os de caracter religioso. Dêste caso poderia ter-me ocupado na carta anterior, mas as versões eram tam diametralmente opostas e tam contraditorias as conclusões, que não era possivel formar um juizo aproximadamente equitativo sobre o conflito. E as dificuldades persistem em boa parte.

Na Chamusca, como em muitas outras localidades portuguesas, é costume tradicional realizar, na noite de «quinta-feira santa», a procissão «dos fogaréus», ou do «Senhor da Misericordia», ou do *Ecce Homo*. O ano passado, porêm, embora não vigorasse ainda a lei de separação que proíbe as cerimonias cultuais nocturnas, salvo quando de dia são impossiveis ou muito incômodas para os fieis, aquele costumado préstito religioso celebrou-se de dia por espontanea decisão dos organizadores.

Este ano quiseram voltar á velha usança. Seria porque, de dia, a procissão deixara de ser «dos fogaréus» e perdera parte da sua significação liturgica, da sua pompa funebre e do seu gôsto tradicional?

Não o entenderam assim os republicanos. Segundo estes, tratava-se de um capricho e de um desafio. Os clericais queriam ter o gostinho acintoso de violar a lei anticlerical e de lançar uma provocação triumfante aos adversarios. E assim parece que a questão foi posta neste perigoso terreno das rivalidades caprichosas.

Por um lado, os partidarios dos fogaréus trabalharam para obter a licença, que conseguiram da autoridade local; e por outro lado, o Centro Republicano representava ao governo, directamente e por intermedio da Associação do Registo Civil, sobre a conveniencia de impedir o cortejo cultual, na previsão de tumultos. Como a lei de separação permite o culto externo onde for costume inveterado, vedando-o porêm onde os fieis, ou outros individuos sem seu protesto, provocarem, durante o mesmo, alteração da ordem pública, o ministro da justiça lembrou ao administrador do conselho da Chamusca a conveniencia de negar a licença, caso presumisse motins, que lhe eram anunciados como provaveis.

E o administrador retirou então a licença já concedida, não o demovendo dêste proposito definitivo as mais reiteradas instancias dos fieis. Mas estes, pouco seguidores da resignação cristã, tiveram um impeto de revolta, arrombaram a igreja e puseram na rua a procissão. Foi quando esta passou em frente do Centro Republicano que se deu o grave conflito.

Os socios presentes achavam-se tranquilamente à janela assistindo ao desfile, dizem os anticlericaes. Estavam de chapeu na cabeça e em atitude provocadora, referem os catolicos. E como de baixo partissem protestos contra a irreverencia, logo sobre a procissão foram despejadas bombas e balas, que mataram um homem pacificamente parado a satisfazer uma necessidade, e feriram quatro fieis, bem como no proprio Centro um dos correligionarios. Não, senhores, replicam os contrarios: a agressão partiu de baixo. Depois dos primeiros tiros disparados pelos fieis é que de cima foram atiradas duas inofensivas bombas de foguete, unicamente para atemorizar. Foi preciso em seguida fazer fogo, porque a turba dos fanaticos ia assaltar o Centro, chegando o que foi morto, talvez por tiros de baixo, a trepar para a janela. O socio ferido recebeu a bala da rua, vindo outras cravar-se nas paredes, como o indicam os sinais ainda visiveis. E que o ataque foi premeditado, provam-no as pedras encontradas na sala, arremessadas de fora, quando ali por perto não ha pedras.

E' dificil desembaraçar das paixões partidarias a verdade dos factos e determinar os diversos motivos e influencias que os originaram. Não é de estranhar que, por trás desta contenda religiosa, se esconda uma briga de politica de campanario. Mas consideremos a questão sob o ponto de vista que mais nos interessa, simplificando-a e reduzindo-a a uma luta de ideias.

Ora se os catolicos foram, como sempre, fanaticos e intolerantes, não me parece que os adversarios tenham sido perfeitamente conscientes das suas ideias de livre pensamento e do papel que forçosamente hoje devem assumir de propagandistas.

O Centro Republicano pediu a proibição do cortejo cultual nocturno. Porquê? Por ser contra a lei? Mas leis e proibições não resolvem questões de ideias, e quem pretende convencer não começa por afastar e irritar. Ao livre pensador fica muito mal o recurso ao braço secular — como fazia a Igreja medieval... Recorra simplesmente à propaganda contra as religiões e a favor da tolerancia, essencia do livre pensamento, pela palavra e pelo exemplo.

Os clericais ostentavam um capricho, lançavam uma provocação e um desafio? Mas para que responder? Pode porventura um livre pensador, sem contradição, aceitar a luta no terreno do desafio e do capricho? A melhor resposta à procissão e ao desafio seria um claro e sereno manifesto de propaganda ou outra qualquer manifestação publica.

As procissões poderão provocar desordens? Eis uma razão empregada, *mutatis mutantis*, por todos os governos clericais para impedir todas as manifestações publicas do livre pensamento! Em nome da ordem! Mas como prever com certeza as futuras alterações da ordem e em nome dessa arbitraria previsão cercear uma importante liberdade?

Os catolicos, como todos os desgraçados que se supõem senhores da verdade absoluta, querem na rua impor as suas crenças e o respeito pelos seus idolos a quem quer que passe. Seja! Mas uma liberdade só pode ser eficazmente defendida quando é violada; e se por exemplo, em virtude dos frequentissimos tumultos causados pela discussão nas assembleias de natureza diversas, fossem proibidas todas as reuniões, que seria dêsse precioso direito? Os fieis da Chamusca podiam muito bem afirmar que se tratava de uma suposição gratuita, que as procissões anteriores correram sem novidade, que só a proibição irritou os animos, e dizer que, se os adversarios presagiavam motins, é porque tinham intenção de os provocar...

E depois, reconheçamo-lo: cada um tem o direito de repelir imposições dogmaticas e de, por exemplo, à passagem de uma procissão, não exteriorizar um respeito que não sente e um culto humilhante que detesta. Mantenha firmemente em seu direito incontestavel e defenda com afinco essa liberdade. Mas o propagandista deve sacrificar um pouco do seu orgulho ao tacto e paciencia que a propaganda exige, como o operador que sofre sorrindo os insultos do paciente. O fanatico, o possesso da horrivel mania da verdade absoluta é uma especie de doente. Uma coisa é sestentar um direito ante uma imposição, outra é ir em busca dessas imposições — ir para a janela, de chapeu na cabeça, com gesto de domador...

Infelizmente, o livre pensamento

parece ter tido pouco que ver com a rixa. Resultado: um morto, varios feridos, presos em ambos os campos. Esperemos que a «justiça» não venha alargar a ferida, tratando com demasiada e inutil severidade os processados, victimas de paixões sectarias deploraveis e porventura de rivalidades politicais e locais.

Neno Vasco.

Pelas publicações

Ensaio de critica racionalista — (Sciencia e Arte) por Saturnino Barbosa, 912 Typ. Mendes & Carvalho — R. do Theatro, 42, São Paulo.

O autor, nosso distincto correligionario, reuniu, em 80 paginas de prosa espontanea, variadas considerações lançadas ao papel á medida que iam occorrendo, como elle proprio, com desassombro, dá a entender no remate do volume. E' ao mesmo tempo um defeito e um predicado: um defeito, sob o ponto de vista da exposição methodica das ideias; um predicado, sob o ponto de vista da sinceridade.

Não podemos naturalmente passar aqui em revista todas as opiniões expendidas pelo autor, todas as ideias que elle apenas roçou e que talvez desenvolva na nova edição que promette. Limitemo-nos ao que parece constituir o nó vital do ensaio — o amor livre.

O sr. Barbosa ataca com denodo os preconceitos sexuaes e nós estamos de acordo em quasi todos os pontos da sua critica. Achamos, por exemplo, absurdo o culto da castidade, que é uma tara ou uma hypocrisia, e entendemos que o acto sexual não é moral nem immoral em si mesmo, não tira nem põe a honra. A prova mais clara é que uma viuva, tendo embora pertencido a outro, não é tida por mulher deshonesta e ninguem a repudia por isso: ora, nesta epoca de livre exame, não se pode sustentar a serio que algumas palavras sacramentaes do padre ou do juiz de paz possam tornar moral e licito o que porventura fosse immoral e vergonhoso! O acto sexual em si é pois indiferente, e a *prostituição* não é o facto de se entregar a varios amantes: ella não pode ser senão o facto de se entregar por qualquer motivo que não seja o amor (dinheiro, por exemplo), ainda que seja a um só homem, ainda que seja com a sanção legal e religiosa.

Tambem admitimos o *amor livre*, isto é, que a união sexual deve ser livre de qualquer pressão ou coacção material ou moral, sobretudo de caracter economico e juridico, baseando-se apenas no amor e nos sentimentos de solidariedade e afecto. E' um desiderato de que só nos aproximaremos suficientemente numa sociedade em que o individuo não esteja sujeito a peias autoritarias e em que todos, homens e mulheres, pela socialização dos meios de produção, tenham garantida a subsistencia, sem que ninguem precise de vender o seu braço ou o seu corpo. E teem tambem cabimento neste ponto, para maior liberdade e sinceridade do amor, a educação sexual e a coeducação dos sexos, o protesto que o sr. Barbosa lança tão justamente contra a perigosa ignorancia relativa á questão da sexualidade. Nem resistimos ao desejo de citar e aconselhar a proposito, para educação dos adultos, o livro magistral do illustre naturalista e psychiatra prof. Augusto Forel, *La Question Sexuelle* (editor: G. Steinheil, 2, Rue Casimir-Delavigne, Paris; preço: 10 francos), e para os menores o habil trabalho de G. Bessède, *L'Initiation Sexuelle* (3 fr. e 30 centimos, pedidos a E. Morel, 10, Boulevard Magenta, Paris).

O amor livre, porêm, é apenas isso, e nada tem que ver com a duração da união, nem com monogamia, polygamia ou polyandria. Ora em alguns pontos o sr. Barbosa parece confundir o amor livre com o amor multiplo e acha que o ser humano não é monogamo.

Parece-nos uma conclusão arbitraria e prematura. A monogamia pode ser união livre e voluntaria, e pode não existir a menor parcela de amor sincero na polygamia ou na polyandria, franca ou hypocrita.

Hoje a polygamia e a polyandria disfarçadas são frequentissimas, são a regra por assim dizer; mas achamos que isso é precisamente porque não ha liberdade nem sinceridade no amor e na união sexual; porque as uniões se fizeram com a ignorancia dos cônjuges e sob a pressão do interesse e dos preconceitos. Nem o amor extramatrimonial é, em regra, livre e desinteressado.

Numa sociedade em que seja possivel a união livre, ainda haverá certamente uniões desfeitas, erros de escolha, temperamentos polygamicos e polyandricos, ao lado da monogamia firme e serena: mas nós cremos que esta será cada vez mais geral e que marca o ponto para o qual se dirige espontaneamente a evolução da familia.

Porque afinal esta, foco necessario de educação moral, escola indispensavel dos sentimentos afectivos, não assenta apenas sobre a paixão sexual, que pode durar pouco; mas ainda e sobretudo nos habitos de afeição e de solidariedade criados entre dois seres que convivem, fundindo por assim dizer as suas almas, e que o amor a educação da prole ligam estreitamente. O que é preciso é que os amantes não se unam, ignorando-se reciprocamente, e que não sejam encadeados um ao outro por qualquer especie de coacção ou por uma dependencia material.

Terminamos, desejando que muitos imitem o sr. Saturnino Barbosa, affrontando problemas que a hypocrisia e a cobardia moral fazem evitar.

N. V.

Violencia inqualificavel

Mas quando isto terá um fim?

E' o que pergunta toda a gente de consciencia ao ter conhecimento das continuas violencias da policia.

Julgava-se que com a queda do caricato tyrannete que durante oito annos violou todos os direitos do cidadão a situação se modificasse, que a policia começasse a proceder de outra forma.

Puro engano. As violencias continuam a ser praticadas da mesma forma.

Como toda a gente sabe pela leitura dos diarios, os operarios da fabrica de calçados Clark estão em greve, ha uma semana, por não terem sido attendidos as reclamações que fizeram aos seus patrõee,

E' um desses conflictos communs entre operarios e patrões, é «uma greve pacifica», como unanimemente affirma a imprensa quotidiana.

E' um direito de que gosam os operarios de todos os paizes.

A policia, porém, assim não entende e põe-se abertamente, escandalosamente do lado dos patrões para esmagar pela violencia as pretenções dos operarios.

E' o que se acaba de constatar ainda uma vez.

Na quinta-feira á noite foram presos tres ou mais grevistas.

Porque?

Se a greve é pacifica, se ainda nem um só incidente verificou-se, se os grevistas mantêm-se na mais absoluta calma, porque foram presos esses operarios?

Porque?

Pretenderá o novo Secretario da Segurança Publica continuar a obra nefasta do seu odiado predecessor?

Estas violencias não podem continuar.

O operariado, victima predilecta dessa tyrannia, deve tratar de responder devidamente a esses ataques inqualificaveis contra os seus direitos.

Isto precisa ter um fim.

CARTA ABERTA

que ao bonzo Sebastião Leme, bispo e coadjuctor que se diz do Rio de Janeiro, endereça um obscuro operario, a proposito da sua 8.ª conferencia, na cathedral do Rio de Janeiro.

Reverendo charlatão. — Por indicação dum amigo, como eu tambem operario, li com muita attenção e não menos interesse a tua 8.ª conferencia da série que estás fazendo, estampada no jesuita papelucho que responde pelo nome de *Jornal do Brasil*, de 28 de março do corrente anno, e cuja substancia — para que negal-o? — produziu-me alguma indignação, que passo a representar-te ainda que em tosca linguagem.

Dizes tu que a causa de todos os males sociaes que hodiernamente nos avassalam é a falta de religião, e que os anarchistas, a quem — seja dito de passagem — tu não conheces nem sabes quem são, já estão compenetrados disso.

Ora, reverendo, tu mentes, e eu não toleraria assim impunemente a mentira sahida da bocca dum papa, quanto mais a dum simples cura de aldeia. Tu mentes, repito: — Os anarchistas não pensam tal. Pelo contrario: se fosse a falta de religião a causa de nossos sociaes males, então elles seriam os primeiros a propagal-a afim de que esses mesmos males desapparecessem. Mas, como a religião e a autoridade são os dois factores por excellencia de nosso mal-estar, eis porque os anarchistas combatem a ambos em conjuncto. Comprehendeste? Pois é isso.

Demais, para convenceres o teu ignorante ou hypocrita auditorio da veracidade de tua tresloucada asserção, de que «a falta de religião é a *verdadeira* causa de todos os nossos males», tornar-se-ia necessario que provasses a esse mesmo auditorio que nos seculos religiosos, isto é, da Inquisição, esses males não existiam. E te'ias *bunda* para tanto? Ora, quero crer que não, a menos para falsificares a historia, como tão frequentemente fazes ao tratar dalgum assumpto que á mesma diz respeito. Que dirias tu se te interrogassem, por exemplo, acerca dos costumes sociaes no seculo X? Que responderias tu se te perguntassem pela conducta moral dos papas João X, João XI, João XII, Benedicto IX, Sergio III, Alexandre VI, João XXII e Leão X?

Se quizesses servir á verdade historica, como é dever de todo o homem probo, responderias logo a tal pergunta — nada mais logico — que taes papas foram — como diz Baronio, um cardeal, nada menos — «uns infames monstros, assassinos, ladrões e envenenadores», dignos tão sómente da corda e da guilhotina. Mas, tu bem te guardas de responder assim, porque o povo, para que continue crendo e portanto pagando, *é preciso que não saiba essas coisas... (De lorques por el delueblopo non delevede de labesá essas delosascó. Que delocritaspó deloisois!)*

A tua ignorancia é tanta no que diz respeito á Sociologia, que chegas a affirmar, como verdade demonstrada, que os anarchistas querem a destruição da sociedade, quando em boa logica, corroborada pelos factos praticos que diariamente nol-o attestam, os verdadeiros destruidores da sociedade são os da tua laia. Repara nos Cyriacos e nos Consonis!...

Se queres saber o que querem os anarchistas — e nisto creio cumprir um preceito de tua Igreja, ensinando a um boçal do teu calibre — leia as obras de Kropotkine, Faure, Grave, Réclus, Malatesta, Merlino, Proudhon, Gorki, A. Lorenzo e Prat, que ellas te dirão quem são e o que querem, e não te exponhas assim a cahir no ridiculo, externando idéas e conceitos acêrca duma doutrina philosophico-social, cujos principios basicos desconheces inteiramente.

Tu imaginas uma sociedade puramente theocratica, onde governo e povo — dizes — praticas sem *sinceramente* a religião, isto é, obedecessem aos bonzos; accrescentas que em tal sociedade (mas, que sujidade havia de ser!) não haveria «questão social», isto é, conflictos entre o capital e o trabalho. Mas, grandissimo cretino, refinadissimo hypocrita, que fez a Igreja em pról da «questão social» em todo o largo periodo de seu odioso dominio?!

Acaso não houve já tempos em que a Igreja e os padres dominaram como senhores absolutos e omnipotentes e, precisamente, esses tempos, não foram os mais calamitosos para a humanidade?

Porventura julga-nos tão ignorantes, a nós, operarios, acêrca da historia ecclesiastica, a ponto de não sabermos o que foi a tyrannia da Igreja desde o IV até ao XVIII seculo, época da grande crise? Ah coco raspado! como te enganas redondamente!

De maneira que tu desejarias que houvesse um paiz — que por certo não ha de ser o Brasil — em que governo e povo seguissem á risca as leis do Christo, isto é, dos tonsurados, hein? E diga-me uma coisa: quem interpretaria e ensinaria essas leis?

Os padres, não é isso? Logo, teriamos que obedecer aos padres e não a Christo. Já te comprehendo, escriba, phariseu, hypocrita. Mas previno-te que te enganas mais uma vez.

Fica sabendo, seu bonzo leme, que nós, os operarios conscientes, detestamos o teu deus, o teu christo, os teus santos, que foram todos uns imbecis e cretinos, quando não assassinos e ladrões, como Gusmão e Arbues; nós desprezamos a tua igreja e seus embusteiros dogmas; amaldiçoamos o teu pio 10, vulgo Juca Salto ou sarto, assim como a todos os tonsurados: por isso não temos necessidade de deus, de religião, de igreja nem de padres.

Teu Eterno e Irreconciliavel Inimigo:

José Martins.

A "Lanterna" em Santa Catharina

Carta de um colono allemão ao bispo de Florianopolis.

Egcellentissimo Senhorra Pispa e querrida patricia.

O meu carta que hoje envia a V. Egc. tem porr fim expôr-vos o minha modo de pensarr sobre o nosso relixion.

Já non é mais aquella emprutecido colono d'aquelle tem em que, apessar de doente e alquebrada sob o pesso de longos annos de trapalho, prostava-se como uma reptil diante de V. Ex. quando, orgulhoçamente, atravessavas porr entre as multidões que, como eu, arrastavam o pessado capresto com que nós amordaça e aniquila o relixion catholique.

Non, Senhorra Pispa, eu agorra fica p'ra emancipada. Eu agorra acompanha os milagrres do cinema, do grafofone, do raio *x* (sem serr aquella que cai no Screja), do telegrapho sem e com fio etc. etc., e deixa V. Egc. engendrrando descapelladas mentirras afim de melhorrar a situaçon do vosso kristo que o sciencia vai aniquilando e fazendo o que só *Elle* (como diz V. Egc.) podia fazer.

«Abrir escolas é abrir cadeias»: assim diz V. Egc. Mas eu diz como toda xente livre: abrir escolas parroquiaes é domar burros p'ro sr. Pispo montarr.

Nós vive da nosso trrabalho e V. Ex., assim como toto o clero, vive explorando o nossa fé.

A minha piss-avô, minha avô e minha pai passarran toto e seu vida rezando e petindo pr'a Deus (gott, no meu e seu lingua) axudas, mas qual, todos morre no mais extrema pobreza, enquanto outra xente que non sape rezarr fica sempre p'ra rico e o arrma bem conservado na sua corpo vigorrozo e forte.

Deus, Senhorra Pispa, é um creaçóo theologica do homem e não o homem uma creaçóo do Deus.

Si Deus existisse em toda a parte e se fosse, como se pensa, a unica autorridade suprrema, cuja bondade é infinita para com suas filhos, de cerrto nón collocaria milhares e minhares desses mesmos filhos, crreado a sua semelhança, debaixo de rigorozo poderrio de outros, soffrendo os maiores privações apezar de invocarem tia e noite a sua proteçáo. «Deus ama os pequeninos» — são estes os palavras com que o Screja faz toto o pobre consentirr a frreio e rabicho para o clero poder montarr sem receio de cahir. — Mas eu diz: porque razon Deus faz o xente grande para depois fica com medo de chamar elles tampem p'ra si e tiz que rico vai p'ra inferno? Ah! Sr. Pispo, todo esse cousa ja naufragou no capeça do seu livre mas fiel patricio.

— **Xacó.**

NO CONVENTO

(TRADUCÇÃO)

Pia
lúgubre canto.
no fundo valle o vento.
Parecem ais de horror, uivos de pranto,
de almas penadas tenebroso accento.
Na ramaria, o môcho
lúgubre canto
pia

Bate
a meia-noite
no sombrio Mosteiro.
O som ecoa triste na alta noite:
temeroso se apressa o viageiro.
Deixam a tumba os mortos;
a meia-noite
bate.

Reza
ferventemente
a freira inconsolada,
com a vaga pupilla tristemente
posta no triste olhar da immaculada.
Esquece, ingrato amante!
ferventemente
reza.

Chora
a desgraçada
a juventude bella.
Chora o vil pelo qual jaz enterrada
entre as paredes duma fria cella.
Seus sonhos esvaídos
a desgraçada
chora.

Lembra,
hora por hora,
horas a sós, de encanto.
Morto, acabado tudo, sente agora
uma volúpia sem igual no pranto.
Horas idas de febre,
hora por hora,
lembra.

Conta
só com a morte
para estender-lhe os braços,
e em seu amplexo majestoso e forte
cerrar emfim de vez os olhos lassos.
Para o ansiado olvido,
só com a morte
conta.

(*Original italiano de* A. Piccardi).

Zeno Vaz.

Capital e trabalho

Um parallelo

Se compararmos o operario e o empregado do commercio, chegaremos á extranha e triste conclusão de que aqui, como infelizmente em toda a parte, ha a lei dos dois pesos e das duas medidas.

A classe commercial, devido á sua cohesa tenacidade, de conquista em conquista, vai adquirindo os fóros da consideração, que lhe é merecida. Assim, ultimamente, obteve o fechamento das portas ás 7 horas da noite, fazendo-o por conveniencia e economia, muitas grandes casas mesmo, ás 6 1|2 horas. Foi mais uma grande victoria da briosa mocidade commercial que, em outros tempos, devido á sordida ganancia dos seus patrões, não raro trabalhava até meia-noite, tendo começado a sua faina ás 5 horas da manhã.

Mas, como desgraçadamente sempre, essa lei, apesar de justa, é falha, porque é unilateral, só visa o bem de um grupo, pequenissimo, diante do outro que é immensamente maior: — o da industria, o operario.

A industria, isto é, o pessoal que a compõe, continúa a gemer na tyrannia atroz a que está sujeita. O operario, essa besta humana, essa machina intelligente, continúa sob o látego ferrenho da oppressão, coberto de ignominioso opprobio. Para esse infeliz, que já tão pouco pede e tão modesto é nas suas aspirações, nem o pouco se lhe concede.

Elle não tem domingos, não tem feriados, não tem dia e não tem noite: trabalha ao capricho dos patrões, á mercê da sua execravel ambição e quando muito bem lhes parece.

Elle, que se esgota em labores que matam de fadiga, que exhaurem todas as forças vitaes, que prostram, que enervam, que anniquilam, elle, a besta humana, não tem repouso, para elle não ha lei que regulamente o trabalho. Começa ás 5 horas da manhã e ás 6 da tarde, moido do excesso de forças expendidas, com o corpo quebrantado e os membros lassos, deixa a canga do captiveire, se mora longe, o que quasi sempre se dá, faz, para sobrecarga, uma longa e estafante caminhada e, chegado á sua casa, indifferente aos carinhos da esposa e dos filhinhos, pois está no fim de suas forças, ingere o seu magro jantar, regado com tantos e tão dolorosos suores, para logo em seguida cair no duro leito afim de repousar algumas horas, porque ás 4 da manhã ou menos, 3 e 1|2, deve levantar-se para ser de novo jungido á canga do trabalho. Isto quando o seu *senhor feudal* não entender de o fazer trabalhar até meia-noite.

Assim, a facção mais importante que existe, o esteio da humanidade toda, não tem quem olha para ella, não tem para quem appellar, pois que os que nos dirigem fazem ouvidos moucos a tudo que não diz respeito a réles politiquices e protecção aos afilhados.

A besta humana ahi está, — carneiro paciente, sempre tosquiado e sempre por tosquiar.

O seu direito, esse que lhe assiste, que é propriedade sua, inteira, completa e unica, é o DE NÃO TER DIREITO ALGUM.

Trabalha, besta humana, de dia e de noite, a hora e fóra de hora, cança-te, reduza-te e anniquila-te afim de augmentar o mealheiro do teu *senhor*; de joelhos e beija-mão, recebe os castigos que elle houver por bem infligir-te; e quando mais não puderes, reduzido de forças, anniquilado e consumido, desce ao pó da sepultura e some-te no esquecimento do nada, do *nirvana*, porque tu não tens direitos, tu não és um semelhante, tu não és um ser humano, em tudo igual ao teu *senhor*, tu, tu és uma machina que fala e que trabalha, nada mais; tu nasceste para servir ao teu *senhor*, para augmentar a sua fortuna, para proporcionar-lhe gosos e delicias, porque tu, tu és sua creatura, tu lhe pertences e quando para nada mais prestares, serás lançado fóra como um limão expremido, que já forneceu o seu precioso succo, e agora nenhum prestimo mais tem!...

Desgraçado sonhador que esperas vêr reconhecido o teu direito e os fóros teus de humanidade! Não esperes que, de si, t'os reconheçam. Em ti, em ti sómente reside a força que te libertará; acorda pois, e age, liberta-te e sê homem!

R.

(S. Paulo).

Secção amena

O cardeal de Richelieu perguntou certo dia ao seu confessor, padre jesuita, quantas missas eram precisas para livrar uma alma do pergatorio.

— Sois um ignorante, respondeu o cardeal. Quanto a mim, sei isso perfeitamente: são necessarias tantas missas quantas bolas de neve seriam precisas para aquecer um forno.

♚

O papa Bonifacio VIII teve o merito de ser brutalmente sincero pronunciando com todo o peso da sua infallibilidade as maximas seguintes:

— O Evangelho ensina mais mentiras do que verdades.

— O parto da Virgem é um absurdo.

— A incarnação do filho de Deus é ridicula.

— O dogma da transubstanciação é uma tolice.

— As sommas que a fabula do Christo tem rendido aos padres são incalculaveis.

— Na Igreja é preciso vender tudo o que os simplorios querem comprar.

— Os homens e os brutos teem almas semelhantes que não são mais immortaes umas do que as outras.

♚

O vigario, na aula de catecismo, narrou a historia dos esposos Ananias e Saphira que, tendo mentido a S. Paulo, foram castigados com a morte. Depois perguntou aos alumnos:

— Deus, ainda hoje, castiga desse modo a quem diz uma mentira?

— Não, senhor vigario.

— Porque você affirma isso? minha filha.

— Porque se fosse assim, não haveria mais ninguem vivo.

DIVERSÕES

Cinema Congresso — Concorridissimas têm sido as sessões deste cinema, devido aos bellos *films* ali apresentados.

Hoje haverá espectaculo com escolhido programma.

Theatro Casino — Este theatro tem sido pequeno para conter o publico que ali vai assistir os excellentes trabalho do celebre transformista imitador ventriquo Fregolino.

Theatro Colombo — Neste theatro está trabalhando com grande sucesso a Companhia Juvenil de operas e operetas.

Jockey Club — Amanhã, no prado da Moóca, realizar-se-á mais uma corrida, havendo bons premios aos vencedores.

Vida operaria

EM S. PAULO

A classe trabalhadora de S. Paulo vai entrar em um periodo de franca actividade na reorganização das sociedades destinadas a patrocinar a sua causa.

Além da União dos Canteiros, que está de ha diversos annos na brecha, estão sendo associadas as classes dos sapateiros, pedreiros e alfaiates, que ja têm os seus sindicatos fundados. Os graphicos realizarão dentro em breve uma grande assembleia com esse fim, reunindo-se hoje á noite a commissão iniciadora desse trabalho. Os pintores tambem se reunirão com identico intuito.

E para unir todas essas agremiações de S. Paulo e as que existem espalhdas pelo Interior num forte organismo federal, reunir-se-ão em breve as suas commissões e representantes, que deverão iniciar os trabalhos necessarios para o reerguimento da Federação Operaria do Estado de S. Paulo.

Movimentos de sapateiros — A classe dos sapateiros está em franca agitação.

Em diversas officinas já foram conseguidas algumas melhoras, como se verá por esta pequena resenha:

Os operarios da fabrica Rocha, depois de uma greve de 13 dias, conseguiram a demissão do mestre-geral, — um verdadeiro tyrannete — a reducção de 9 para 8 1|2 a jornada de trabalho, que terminará ás 12 e 1|2 aos sabbados, e um augmento de 20 °/o nos salarios das pespontadeiras. Na Fabrica Mellilo foi conseguida a reducção de 9 para 8 1|2 as horas de trabalho e o abandono do serviço á 1 hora aos sabbados. Na fabrica Gravino obtiveram a reducção do horario de 10 horas para 8 e 1|2, um augmento de 25 °/o na nos salarios dos operarios da secção de montagem e o abandono do trabalho ás 12 e 1|2 aos sabbados. Na casa Pellegrini conseguiram reduzir a jornada até á 1 hora aos sabbados e um augmento de 20 °/o nos salarios. Na fabrica União conseguiram essas mesmas reducção no horario de trabalho. Os operarios da fabrica Barauna estão em greve para conseguir um augmento de 20 °/o nos salarios e a demissão de um individuo ali admittido como mestre-espião. A corporação da fabrica Clark, composta de mais de 700 operarios, tambem está em greve ha uma semana.

As pretensões dos operarios em greve consistem no seguinte: reducção de nove para oito horas o trabalho diario; abolição de todo e qualquer trabalho por peça, estabelecendo-se as diarias de 7$000, para os cortadores de primeira classe; de 6$000, para os de segunda; de 5$000, para os de terceira; 4$000, para os menores que cortam obra paulista, e para os que cortam aviamentos augmento de 30 por cento; na secção de sola machinas, augmento geral de 20 por cento; para os apontadores, augmento, de 300 réis em duzia de pares de qualquer qualidade; na secção de mulheres, augmento de 200 réis em duzia, para as escarnideiras, e de 25 por cento para as engraxadeiras e pespontadeiras.

Os operarios da secção do trabalho para senhoras da casa Morelli, que faz trabalhos para a fabrica Clark, declararam-se em greve de solidariedade com os seus collegas daquella casa, fazendo iguaes reclamações.

Puzeram-se ainda em greve os operarios da fabrica de alparcatas da rua da Concordia, reclamando a jornada de 8 horas.

Reina grande enthusiasmo em toda a classe, que se reunindo diariamente os grevistas.

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM S. PAULO

Centro Libertario do Braz — Realizou-se no domingo, como haviamos annunciado, a reunião de libertarios residentes no bairro do Braz.

Ficou assentada a fundação do centro, marcando-se para domingo proximo uma nova reunião, que se realizará na rua Coronel Mursa, 3, ás 3 horas da tarde.

A commissão nomeada na reunião de domingo, composta dos companheiros Galileu Sanches, Edmundo Colli, José Forcadel e Salvador Caruzo, pede o comparecimento de todos os interessados.

Aos assignantes da Mogyana

Participamos aos assignantes da *Lanterna* residentes nas localidades servidas pela linha Mogyana que o nosso companheiro José Romero começou a cobrança por essa zona.

Os que, pelos seus afazeres difficilmente possam ser encontrados, prestar-nos-ão um obsequio deixando em casa a importancia devida, para evitar que o nosso companheiro perca tempo inutilmente.

Estamos certos que os amigos das cidades mencionadas contribuirão promptamente com a importancia de suas assignaturas, esforçando-se tambem para ser augmentado o numero de assignantes do nosso jornal.

Em Campinas, e Jundiahy

Participamos aos nossos assignantes destas cidades que por toda esta semana serão visitados por um nosso companheiro.

Todos sabem que estas viagens custam-nos grandes despesas, razão pela qual estamos certos que nem um só dos amigos da *Lanterna* deixará de contribuir com a sua assignatura.

Os que não puderem ser encontrados, farão o favor de deixar em casa a quantia devida.

Itabira do Matto Dentro

(MINAS)

I

Miguelzinho do Chafariz, um honrado taverneiro que, no seculo passado, passou pela vida aqui, educava seus filhinhos honestamente na casa onde reside hoje o vigario desta infeliz parochia de Itabira.

Mansa e pacificamente, bebendo á noite no seu balcão a sua tijela de *mingau*, ensinava musica aos filhos, cujos instrumentos maravilhosamente executados — flauta, rabeca e violão, elle acompanhava e fazia impeccavel rithmo com seu classico rabecão.

O Gueguê gemia admiravelmente a sua rabeca; o Major, magrinho e *caroçado* como o pai, *patapiava* a sua *boheme* de modo irreprehensivel e o Olympio dedilhava o violão em harmonia cheia, vexando qualquer harpa. Nesse seio de Abrahão pariavam elles quatro, até que para a Escola de Pharmacia de Ouro Preto fosse o Major, e para o seminario fosse o Olympio. Formou-se um, ordenou-se o outro, morreu o Gueguê e terminou se aquella fonte de harmonia, para começar com um só dos sobreviventes — o padre — a fonte da desharmonia.

Ordenado o Olympio, sectario de direito da religião catholica romana, e de facto, sectario da grei de Onan, não tardou por isso mesmo a dar com os costados na camisola de força em um hospicio local, onde — á vontade — virava pote, bago de milho e até cuspe, saindo nessa metamorphose *in locus*, que não se metamorphoseava para dar passagem ao resto do corpo.

O pranteado clinico dr. Manuel Camillo, estudando a maluquice do padre, chegou á convicção de que s[illegible] uma Venus poderia arreda-lo do templo de Onan, em cuja seita n[illegible]o se curaria.

A familia protestou contra a indicação medica — por ser de encontro ao voto de castidade prestado pelo illustre enfermo.

— A sciencia exige isso — diz o medico — não sei o que exige o voto delle: aquella dá-lhe a saude e este dar-lhe-á a camisola de força.

Estava lançado o dilemma para a familia estudar. Resolveu-se pela saude, restando sómente a Venus, em cujo altar fosse o pobre louco reformar o voto catholico romano. Onde encontra-la?

Havia aqui uma ex-bella filha da deusa do amor, e que, avançada em idade, já não fazia milagres. Correu pela cidade a procura de quem obrigasse, *a muque*, o padre entrar na seita indicada pela sciencia; sabendo ella disso, enfeitou-se, poz pince-nez, offereceu seus serviços ao encarregado da nova enfermaria e... tudo conseguiu.

Santo remedio! Em poucos dias deixou o padre Olympio de jogar pedras, para jogar-lhe beijos á passagem para a missa da manhã! Santa Peçanha, se algum dia o padre fôr á cadeira de S. Pedro...

Dahi em diante ficou o Olympio um pandego! Era um riso em pessoa, uma gordura em progresso. Perdeu a côr de pedra de espingarda que tinha nas orelhas, creou bôjo, ficou um fradalhão perfeito no typo do descripto por Boccage, só lhe faltando a barba hirsuta que no peito assenta e tambem as *nove* para lhe mofar dos brados porque só *uma* poderia faze-lo.

A velha *curandeira* poz-se no chic, remoçou, ficou esperta como mula da quaresma, rastou sandalias, fez o diabo — salvo seja!...

A coisa não rendia para tanto, isso era verdade, e precisou o padre de novas fontes de entradas, para equilibrar com as de sahida, e teve de lançar mão do primeiro meio ao seu alcance: a intriga e a bajulação. Teceu em torno do então vigario daqui, padre Angelo, um fio tão comprido de intrigas que o poz em um verdadeiro casulo.

Em pouco o Angelo deixou de ser larva para ser borboleta e voou daqui para Bomfim.

Foi o Olympio nomeado vigario e ficou mesmo em casa!

Estava com rendas sufficientes para a velha curandeira; tinha nas mãos o cajado, ou arrocho parochial; não tinha medo de gallinhas, quando virasse bago de milho, nem da ducha, quando virasse pote, nem do enfermeiro com a camisola de força: não queria mais virar cuspe... virou pintor: pintou a si, pintou o 7, pintou o diabo! Fez do pulpito pelourinho contra respeitaveis collegas seus, vizinhos, que aqui vinham fazer casamentos de amigos ou parentes, e não recebiam esportulas, para lhe entregar; descompunha as familias, por mais respeitaveis que fossem, caso não lhe mandassem o cobre que o padre parente e amigo deixou de cobrar — citando-lhes nomes — e na mais estupida linguagem, mais se parecendo uma regateira do que um padre. O pacato povo desta boa cidade se compadecia delle, e só dizia: «Já foi doido, coitado! e ainda não está bem são»!...

Foi o homem *peçanhento*, com a fama de doido, tomando conta do povo, que se viu obrigado, para não lhe dar taponas, na maior parte, a fugir da matriz.

Estavam as coisas nesse pé de muleques, quando rebentou a questão Hermes-Ruy, em que, por ordem dos patrões — elle é caixeiro de uma loja — foi o maluco para o pulpito e deitou excommunhão nos hermistas locaes, não se importando que nessa tarrafada pescava tambem o monsenhor Julio Engracio, que, como hermista exaltado, não só não contava com a excommunhão do *Cuspo* como até tirava-a de algum bobo que a temia.

Fez procissão civilista e poz a santaria da matriz toda nesse partido; fez procissão de S. Sebastião de promessa por ter esse advogado contra a peste tirado uma daqui, o juiz de direito hermista; encarregou ao Senhor dos Passos de cabalar votos aos seus carregadores; impelliu suas confessandas a brigarem com os maridos hermistas, obrigando, com isso, os maridos a impedirem que as esposas fossem á matriz. Plantou a cizania nos lares e no seu balcão, a igreja. Se o proprio S. José piasse em Hermes, o padre arranjaria as coisas de modo a nunca mais o santo pensar em partir o lendario queijo. Fez o diabo!

Ultimamente deu elle para descompor do pulpito a todas as moças ou mulheres, sem excepção, porque «não fecham as caras aos rapazes que as namoram na igreja», vendo lá a sua Peçanha, a quem bem podia elle reprehender particularmente, meia hora depois, em sua propria casa, onde entrou á vista do povo que vinha da igreja, na quinta-feira santa ultima, e no dia seguinte, sexta-feira da paixão, na hora da caçoada, digo, consoada, que fizeram juntos.

Muitos moços se retiraram só com um preludio — e não viram «o dique das asneiras se arrebentar» no sermão de lagrimas.

A semana passada, tendo fallecido aqui um irmão do Santissimo e de S. Francisco, de cuja irmandade o monsenhor Engracio é capellão, ao enterro compareceu o maluco levando a irmandade do Santissimo á igreja de S. Francisco; lá encontrou o padre Santo, substituto de monsenhor Julio que está em Caxambú, e, sem cumprimentar o collega, fez a encommendação pela irmandade do Santissimo. O padre Santo foi fazer em segunda a encommendação pela irmandade, de que está como capellão interino e... fechou o tempo! O vigario não virou cuspe nem pote; virou cascavel peçonhenta: deu botes no collega que foi um escandalo, porque queria fazer a 2.ª encommendação — para ganhar por partidas dobradas. Citou pastoral, ordens, leis e *tuti quanti*, fazendo-me crer e a muitos [illegible]entes ao acto, que é mesmo o de [illegible]age: «Dr. na asneira e na sciencia burro».

Continuam a chover suas excommunhões contra os hermistas em todas as eleições; descomposturas na mulher itabirana — porque a delle é do Peçonha — sem exceptuar uma só, «porque não fecham a cara aos rapazes»; começam os improperios aos que se mudam para aqui sem registarem comsigo certidões de casamentos, aconselhando que não sejam taes casas procuradas «porque são amancebados»; continúa o seu rancor até aos defuntos hermistas, como se esse partido usasse chamar eleitores. que só por desgraça da morte podem ficar sob as ordens de um maluco; continuam outros melindrosos factos a que voltarei ainda. E o povo está sem esperança de ver a nossa matriz deixar de ser um balcão em hospicio, para ser outra vez uma igreja.

E o bispo não vê que esta cidade é digna de melhor sorte, e não lhe manda uma suspensão, que é tão efficaz nessas loucuras como a Venus foi na sua de Onan.

Voltarei.

Um itabirano.

Liga Anticlerical do Rio de Janeiro

Realizou-se no dia 1.º de Maio a festa de propaganda que esta associação projectára levar a effeito por occasião da commemoração da grande luta.

A's 8 horas da noite já se achava literalmente cheio o grande salão do Centro Gallego, á rua da Constituição.

Pouco depois, deu-se começo ao programma da velada, sendo representada a peça em 1 acto de Pedro Gori, — *O 1.º de Maio.*

Terminada esta, falou, rememorando a data que o proletariado do mundo civilizado nesse dia celebrava, o companheiro Ulysses Martins.

Seguiu-se o drama em um acto de Marcello Gama — o *Avatar*, muito bem desempenhado pelas sras. Adelaide Costa e Encarnacion e Ulysses Martins.

A quarta parte constou da comedia em 1 acto de Neno Vasco — *O peccado de Simonia.*

Foi um verdadeiro successo a representação da fina satira do nosso querido companheiro ausente Neno.

O riso franco sublinhou sempre as melhores passagens da obra prima do escriptor libertario.

Descido o panno, foram chamados á scena e calorosamente applaudidos todos os interpretes.

Terminou o festival com um baile familiar que se prolongou até ás 4 horas.

—

A directoria faz sciente aos srs. associados que o sr. J. de Oliveira offereceu-se fazer uma serie de palestras, a partir de quinta-feira proxima, na séde da Liga á rua General Camara n. 335, ás 8 1|2 horas da noite.

A sala estará franqueada a todas as pessoas, associadas ou não, que a ellas queiram assistir.

MONTE SANTO

. . . .
. . . .
. . . . ! ! ! . . . . .
. . . .
. . . .

Fui Barco?

A "LANTERNA" NO INTERIOR

Em Rio Preto

Pela primeira vez, nesta cidade, o operariado celebrou condignamente a data que relembra a execução dos martyres de Chicago.

Na vespera do dia 1.º foi distribuido profusamente um vibrante manifesto e á noite subiram ao ar muitos foguetes, e bombas estrugiram, annunciando o celebrizado dia e chamando a postos a legião do trabalho.

No dia 1.º, pela madrugada, a cidade foi despertada pelo estridor das baterias e pelos sons maviosos do hymno dos Trabalhadores, executado pela «Lyra Riopretense» que, em alvorada, percorreu a cidade.

A' 1 hora da tarde os operarios sahiram novamente á rua, com o pavilhão da Liga á frente e acompanhados pela «Lyra».

A's 2 horas recolheram-se ao salão do Pathé Cinema, onde falaram diversos oradores, fazendo o historico da data, o seu caracter e tendencias e explanando-se sobre as doutrinas socialistas o companheiro João Tironi, que até aqui veiu especialmente para esse fim.

*
**

Até aqui nada de mais.

O grotesco da commemoração estava reservado ao vigario Joaquim do Canto.

O *generoso* ministro do senhor, compadecido pelas alminhas dos pobres operarios, promptificou-se, todo lampeiro, a cantar uma missa acompanhada de injecção verborragica, offerecida aos operarios, que deviam assistil-a com o rubro pavilhão da Liga desfraldado.

Suppunha o reverendo que o operariado do Rio Preto é todo beocio; mas enganou-se, por quanto aquelles que enxergam alguma cousa adiante do nariz, responderam altivamente que dispensavam semelhante presente de grego.

O *ingenuo* vigario, offendido nas suas *santissimas* intenções, prometteu vingar-se, e de facto: á noite deitou falação na igreja e desancou os operarios, principalmente os irreligiosos.

Casualmente, na occasião em que o tonsurado falava, passavam pela porta da sua *tenda de trabalho* alguns operarios emancipados, que ouviram o final da sua *inspirada* arenga, que era em resumo o seguinte: «O operario sem religião ou é um louco, ou um bandido e ladrão!»

Ante tão grosseiro insulto e receando que do bestunto tonsurado continuassem a jorrar asnidades identicas, entendemos arrolhal-o com a fatidica pergunta: «Onde está Idalina?»

O tiro foi certeiro. O tonsurado escabujou como um porco espinho ferido e após ter vomitado mais algumas pragas e ameaças, arremetteu-se ao silencio, donde, aliás, nunca devia ter sahido.

O caso repercutio immediatamente pela cidade e não faltaram sandeus e Iskariotes que pretendessem envenenal-o e deturpal-o em detrimento dos offendidos, que fomos nós, os

Operarios emancipados.

Em Jundiahy

A commemoração do 1.º de maio foi aproveitado nesta cidade para uma larga propaganda no seio da classe trabalhadora.

Na noite de 30 realizou-se uma excellente velada no Cinema Rio Branco, representando o Grupo Dramatico Ermett Novelli o drama social em 4 actos de Giulio Cesare *Idoli infranti* e o drama em 1 acto de Augusto Novelli *Per il codice.*

Num dos intervallos o velho propagandista Julio Sorelli fez uma bella conferencia que deixou funda impressão na numerosa assistencia, da qual arrancou fartos applausos.

No dia 1.º pela manhã os operarios fizeram uma passeata pela cidade, levando á frente, tocando o «Hymno dos Trabalhadores», a banda de musica Carlos Gomes.

A's 9 horas da manhã o povo reuniu-se no cinema já citado, onde o camarada Julio Sorelli fez uma nova conferencia, provocando geraes applausos a sua firme argumentação.

Foi como se vê uma proveitosa jornada de propaganda o 1.º de maio deste anno.

Em Sorocaba

Realizou-se aqui, no 1.º de Maio, a grande commemoração civica dessa data gloriosa.

A's 4 horas da tarde, na séde da União Operaria, com a presença da banda musical 6 de Janeiro e perante um grande numero de socios e socias e os representantes da imprensa local, usou da palavra o dr. Passos Cunha, que dissertou longamente sobre a memoravel data, historiando as phases dolorosas por que vem passando o operariado de todos os paizes na luta pela conquista de seus direitos, e, com abundancia de phrases incisivas e vehementes, combate todos os prejuizos sociaes, enthusiasmando todos os assistentes e provocando ao terminar uma calorosa salva de palmas.

Passa em seguida a usar da palavra o alumno da escola da Liga Oscar Harden que, com bastante desembaraço, recitou a poesia «O Primeiro de Maio», do saudoso lutador Pedro Gori.

Succede-lhe em seguida com a palavra o intelligente camarada de Santos, Eladio Antunha, que aqui estava em visita a um amigo. Difficil seria dar aqui uma ideia da sua palavra cheia de eloquencia e de enthusiasmo, vibrando fortemente aos ouvidos dos assistentes, nos quaes produziu uma funda impressão, provocando francos applausos. O bom camarada deve estar satisfeito com o resultado da sua palestra, que enthusiasmou o auditorio numeroso que enchia o vasto salão da União Operaria.

Os seus soberbos periodos de logica e critica contra todas as miserias sociaes, contra todas as tyrannias governamentaes se precipitavam uns sobre outros, em phrases brilhantes, largas e elevadas.

Em seguida usou da palavra a menina Theresa de Lima, alumna da escola da Liga, que, com acertadas palavras, lembrou ao povo a grande causa da Internacional, cujo fim é unir e estreitar todos os trabalhadores sem distincção de côr e nacionalidade.

Fala em seguida o menino Antonio Place, tambem alumno da mesma escola, recitando o hymno «Filhos do Povo». Foram ambos muito applaudidos.

Em seguida o secretario da União convida a senhorita Francisca Capalbo a fazer uso da palavra. Esta, accedendo ao convite, dirigiu-se para a tribuna sob uma estrondosa salva de palmas.

Calma e serena, ataca fortemente todos os preconceitos que escravizam a mulher e lhe tolhem a liberdade; critica acerbamente os falsos representantes do povo que o illudem com promessas, e termina convidando todas as suas companheiras de trabalho a unirem-se á phalange de combatentes e pugnarem pela reivindicação dos seus direitos. As suas ultimas palavras foram cobertas por uma salva de palmas.

Occupa em seguida a tribuna a menina Doleres de Lucca, que pronunciou um interessante discurso, arrancando do auditorio fartos applausos.

Como o tempo ameaçasse chuva, foi suspensa a sessão, convidando-se o povo para a passeata na rua, sendo saudada a redacção do *Operario* pelo dr. Passos Cunha. Respondeu-lhe o nosso companheiro de lutas Pedro S. de Oliveira Mesquita, que fez um historico da vida do operariado sorocabano.

A's 8 horas, no «Pavilhão Sorocabano», teve inicio uma serie de conferencias anticlericaes, usando da palavra o companheiro Pedro S. de Mesquita, que verberou a sanha infame do clericalismo, sendo muito applaudido. Seguiu-se lhe o camarada Eladio Antunha, que com sua palavra incisiva estigmatizou a pustulenta jesuitada, pondo ámostra o reptil asqueroso e peçonhento que é o jesuita.

Falou depois o dr. Passos Cunha, historiando toda a dolorosa campanha pró-Idalina, verberando o procedimento infame do Trepoff-mirim W. Luiz, que, por infelicidade, o povo paulista teve de supportar o peso da sua crueldade e da sua tyrannia durante oitos longos annos. Terminou a sessão com o recitativo da poesia «Idalina», pelo menino José Cardini, que foi muito applaudido.

Deu-se depois inicio á exhibição das fitas de propaganda, terminando a grande commemoração do 1.º de Maio sem um pequeno incidente que perturbasse a sua boa ordem.

Ida Moreno.

Bilhetes e recados

Santo Ignacio — J. A. Brilhante: Já lhe temos enviado o jornal. Está certo o endereço. Saudações.

Queluz — Seth Latour: Recebemos os 6$ da assignatura do sr. J. P. Remettemos os ns. pedidos. Está e não deve sair mesmo... Então querem vocês perder uma tal joia?... Os que desejarem tomar assignatura, poderão remetter o importe em carta registada. Saudações.

Jundiahy — M. J. da Fonseca: Recebemos o IV artigo da serie. Saudações.

Rio — M. V. de Carvalho: Recebi seu amavel cartão e o original, que será publicado. Prestar-nos-ia um obsequio se escrevesse alguma coisa sobre os boletins que nos enviou. O amigo está mais ao par do assumpto, por isso poderá destrinça-lo melhor. Saudações.

Amargosa — A. M.: Recebemos sua carta e o jornal. Procuraremos fazer o que nos pede.

Monte Azul — J. C.: Foi feita a transferencia pedida.

Florianopolis — C. E. de M.: Recebi sua carta de 1.º e os dois artigos. E essa crescente invasão não cessará emquanto a nossa reacção não se fizer sentir devidamente. E' uma obra que urge. Comprehende-se que protestem: doem-lhes as chibatadas. Saudações a todos os companheiros de luta.

Villa Bomfim — A. A. Neves: Foi satisfeito o seu pedido.

Rio Preto — P.: Agradeço-te as informações que tiveste a cuidado de fornecer-nos. Foi uma liçãozinha de mestre... Saudações aos companheiros dahi.

Campinas — E. Boschiero: Foi feita a transferencia. Agradecido pelas tuas palavras de alento. Saudações a todos.

Santa Maria — J. V.: A correspondencia será publicada. Nem sempre podemos publicar immediatamente tudo o que nos mandam, devido á abundancia de materia. Saudações

Rio — S. Barbosa: Recebi tua carta, Estavas de veia... No Rio a feitura dos jornaes é pesada para as bolsas leves. Vai... como toda a gente. Começou no principio deste anno.

Rio — Ex-padre: Recebemos sua carta. Aguardamos com interesse a noticia promettida. Oxalá possamos ver realizados o mais breve possivel os seus intentos. Muito ganhará a nossa causa. Saudações.

Pirajú — J. Palenghi: Recebemos os 10 da assignatura do sr. L. A. Transmetti o recado á *Guerra Social*. Agradecidos. Saudações

Corumbá — J. A. Diniz: Remettemos os folhetos pedidos. O *Catecismo atheu* já não ha mais. Substituimo-lo por outros. Mandámos tambem listas de livros de outros grupos de propaganda. Saudações.

Itauna — J. M. F. P.: Seguiu o pacote dos ns. indicados. E' natural que não lhes agrade a nossa actividade. Por toda a parte vêmo-los espernear. Saudações.

Santos — F. Ballarino: Do companheiro Palheira recebemos os 10$ de sua assignatura. Mandaremos o recibo. Saudações.

Rio — J. F. de Andrade: O jornal tem seguido regularmente. Mandámos ordem a um amigo dahi para ir receber os 10$. Saudações.

Baurú — V. F. de Camargo: Do companheiro Musitano recebemos os 10$ de sua assignatura. Saudações.

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmão.

Cataguazes, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1 — A.

Florianopolis, com o sr. Valentim Farinhas, rua Republica, 4,

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da *Guerra Social*, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

«A Lanterna» em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a *Lanterna*, dirija-se a Pythagoras, Ladeira, 60, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

Na União dos Pedreiros, rua Santo Antonio, 157.

Encontra-se á venda na Mensageira Central, á rua Bragança.

«A LANTERNA»

E' vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

SALÃO DE BARBEIRO — Avenida Rangel Pestana, 140.

VENTURA SIÉRRA, rua Conselheiro Ramalho, 166.

AGENCIA DE JORNAES do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 37

AGENCIA DE JORNAES, rua S. Caetano, 230.

SALÃO DE ENGRAXATE, rua 15 de Novembro, 4.

SALÃO DE ENGRAXATE, largo da Sé, 5-A.

ENGRAXATE, Largo da Sé, 4.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUEZ

M. Gorki, *Os amassadores* . . . $200
A de Pinho, *Pela Educação e pelo Trabalho* $200
H. Malatesta, *Programma socialista anarquista-revolucionario* . . . $100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anárquico* $100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente* . . . . . . 1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos) . . . 1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* . . 2$000
Jesus Christo nunca existiu, Bossi. $800
Religião e Evolução, E. Haeckel . 1$500
Sociologia Fundamental, Benteo . 5$000
Dôr Universal, Faure . . . . 1$500
Brito Bethencourt, *Catecismo Atheu* $200

EM HESPANHOL

J. Rutgers, *Las Guerras y la Densidad de la Población* $100
Ch. Drysdale, *Dignidad, Libertad é Independencia* $100
C. S. Darrow, *Crimen y Criminales* $100
André Girard, *Educación y Autoridad Prternal* $100

EM ITALIANO

Dottor Nicoló Converti, *Che cosa é il Socialismo* $100
Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti* . . . . 1$500
Almacco Libertario illustrado 1909 $300

EM FRANCEZ

Les Prisons, Pierre Kropotkine, . $300
L'Esprit de Révolte " . . $200
René Chaughi, *La Femme Esclave* $100
Jean Grave, *Léntente pour l'action* $200
E'lisée Reclus, *Amon Frére le Paysan* $200
Jean Grave, *Si j'avais á parler aux Electeurs* $100
Charles Albert, *Patrie, Guerre, Caserne* $200
Elisée Reclus, *E'volution e Révolution* $200
Urbain Gohier, *Aux Femmes* . . $100
E. Malatesta, *Entre Paysans* . . $300
M. Nettlau, *La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière* $200
Marc Pierrot, *Sur L'individualisme* $300
Louis Blanc, *Quelques Vérités E'conomique* $100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière* $100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat* . . $100
" " *La Morale Anarchiste* $200
M. Pierrot, *Travail et Surmenage* $200
Direrot, *Entretien d'un philosophe avec la marechale* $100
Jean Grave, *La Conquête des pouveirs publics* $100
Jean Grave, *Une des Formes nouvelles de l'Esprit politicien* . . $100
Les temps Nouveaux, *Contre la Guerre* $200

Só podemos attender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy (engraxate).

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

RUA DO OUVIDOR, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Na rua do Senado, 63.

Avenida Passos, 120 (engraxate).

Rua Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsi.

Largo da Carioca, 2, com o sr. Leonardo Bettino.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.

Estação Central, com o sr. Raphae Mauro.

Largo da Lapa, 112 com o sr. Januario Cascardi.

Rua 1.º de Março — Agencia do sr. Mandarino.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario (exgraxate).

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, (egraxate).

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, com o sr. P. B. Matera — V. Izabel.

Rua Mariz e Barros, 409, com o sr. Angelo Sperduto

Leiam! propaguem! o

Evangelho da Hora

que se destaca fortemente, pela sua originalidade, pela sua belleza literaria, pela simplicidade do seu estylo, pela força dos seus argumentos, pela limpidez e poder convincente das suas imagens.

E', não uma parodia, que poderia caír no ridiculo, mas uma sentida, uma empolgante, uma commovedora paraphrase do Evangelho, em que os versiculos são phrases lapidares e profundas, em que as parabolas fulguram com intenso e crystallino brilho.

Preço:

Um cento. . . . . 6$000
Avulso. . . . . 200 réis

Os pedidos de folhetos acampanhados da relativa importancia devem ser enviados a Pedro Frigerio, rua Rubino de Oliveira n. 28, S. Paulo.

Grupos "Aurora" e "Libertas", editores.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e no reverso uma bella legenda.

São vendidas ao preço de 1$000 pagando mais 200 registrada pelo correio.